

Beatriz Azevedo; Julie Dorrico (Orgs.) *Poesia Indígena Hoje*, n.1, 126 p., agosto de 2020. Projeto p-o-e-s-i-a. org/www.p-o-e-s-i-a.org/

O *Projeto p-o-e-s-i-a. org*, criado com o objetivo de fortalecer a poesia brasileira através da articulação entre poetas, escritores, leitores, artistas, professores e apoiadores da cultura, vem sendo concretizado através do trabalho voluntário de várias mulheres: a filósofa Franciele Laura, a psicóloga Natália Nenheim, a webmaster Raquel Moraes, a escritora macuxi Julie Dorrico, a poeta e compositora Beatriz Azevedo, entre outras. Neste momento de pandemia, crise econômica e escassez de políticas públicas voltadas à cultura, iniciativas como esta podem viabilizar a sobrevivência e a dignidade de trabalhadores da cultura.

O portal digital dá visibilidade ao projeto e suas diversas iniciativas através da plataforma <https://benfeitoria.com/poesia> e dela depende a arrecadação para as publicações por financiamento coletivo, sem caráter comercial, que envia gratuitamente as obras às pessoas que contribuem com doações que as viabilizam.

Um conselho de notáveis, entre os quais Alice Ruiz, Chico Buarque de Holanda, Conceição Evaristo, Eliane Potiguara, Heloísa Buarque de Hollanda, José Carlos Capinan, Silviano Santiago e outros, também contribui para a divulgação das obras. Outros apoiadores do projeto são a Universidade Estadual de Campinas, na pessoa de seu Reitor, Marcelo Knobel, que disponibilizou a impressão de mil exemplares da revista para serem distribuídos a bibliotecas, universidades, pesquisadores, estudantes e professores do Brasil e do exterior, visando a difusão da poesia brasileira e da literatura indígena.

A editora deste primeiro número da Revista P-O-E-S-I-A, Beatriz Azevedo, em sua introdução, afirma que a publicação, “como não poderia deixar de ser, traz um

amplo olhar sobre a poesia indígena hoje, realizada por autores contemporâneos que escrevem, em português, expressando sua cultura e o choque com a sociedade brasileira.” (8) E continua: “No processo de resistência às colonizações passadas e atuais, precisamos reaprender com os povos originários”, diz Beatriz Azevedo, “assim [...] é com alegria que todo o espaço da revista está habitado pelas vozes poéticas de diversos povos indígenas de Pindorama”. (p. 9)

A poeta macuxi Julie Dorrico, editora convidada para este número, em sua introdução, *Cardumes Poéticos*: a literatura indígena brasileira contemporânea, acrescenta que ele “começa com a literatura indígena, os sujeitos originários, como os primeiros, por direito, de começarem essa nova história, onde em vez de silêncio e inviabilização, há vozes e corpos ecoando ancestralidade, no tempo de agora”. (p. 9) O título *Cardumes Poéticos* provém de um verso do poema “Identidade Indígena” (1975/2004) de Eliane Potiguara, a poeta homenageada neste volume e uma das primeiras autoras indígenas a ter sua literatura reconhecida pelo público leitor e pela academia; ela contribui nesta revista com um ensaio, um conto e este poema.

[...]
Mas não sou eu só
Não somos dez, cem ou mil
Que brilharemos no palco da História.
Seremos milhões, unidos como cardume
E não precisaremos mais sair pelo mundo
Embebedados pelo sufoco do massacre
A derramar nossas lágrimas
Por quem não nos tem respeito.
[...]

(Potiguara, p. 110).

A Diretora Executiva de Diretos Humanos da UNICAMP e seu Reitor, Marcelo Knobel, manifestam seu agradecimento “pela generosidade dos irmãos indígenas que deixam a cultura fluir como um rio para o qual tudo é pertencimento. Essa revista é nova porque nasceu agora”, dizem ainda, “mas também é antiga porque o que ela diz existe há muitos tempos. Que seu ‘grito de onça’ acorde o carente de ‘banho de lendas’, a fim de que todos sejamos rio.” (p. 10)

Esta primeira edição da revista divide-se em duas partes, *Ensaio Sementes*, que inclui textos dos escritores de literatura indígena sobre sua literatura e sua arte “do ponto de vista do sujeito étnico, na contramão da convenção literária brasileira” (15), em que

os poetas falam sobre literatura oral e escrita em suas culturas, sobre leitura e a leitura do tempo, identidades, mídias, etnocídio, entre muitos outros temas. Entre eles, está o artista plástico Jaider Esbell, o qual afirma, em seu ensaio, que o livro demonstra não haver “fronteiras entre a arte e a vida plena dos índios” (49). Segundo ele, tenta expor “um pensamento minimamente coletivo dos fazeres e saberes que evidenciam e legitimam a Arte Indígena Contemporânea”, um argumento complexo em que ele afirma “tratar-se mesmo de uma ferramenta de poder, de praticar a política de resistência e de avanço na cena viva da atualidade.” (43). “Sou índio, sou artista, sou mídia e caminho beirando o senso comum, os carimbos taxativos e as investidas em descaracterização.” (43).

Dorrigo, em seu ensaio, esclarece a diferença entre raça e etnia ao traçar a história destes conceitos desde o século XVII, com a primeira classificação racial feita por François Bernier em 1684, antes do primeiro censo americano, em 1790 (12). Etnia, em contraposição a raça, refere-se ao âmbito cultural que reúne os povos indígenas por suas afinidades linguísticas, culturais, semelhanças genéticas, estruturas sociais, políticas e territórios (13). Segundo ela, “embora a literatura produzida pelos indígenas utilize um termo racial, o “indígena”, nas suas obras os autores reivindicam os seus respectivos pertencimentos étnicos, uma vez que falam dessa demarcação simbólica territorial.” (13). Além de Daniel Muduruku, autor de *O Caráter Educativo do Movimento Indígenas Brasileiro (1970-1990)*, publicado em 2012, Dorrico também menciona a escritora homenageada, Eliane Potiguara, como possuidores de ambos os marcadores, o racial e o étnico, bastante comuns entre os escritores indígenas.

Segundo a editora convidada, “no Brasil, estima-se ter 305 povos/etnias/nações e 274 línguas indígenas”, sendo “fundamental reconhecer que na literatura indígena está também a socio-diversidade de povos e sujeitos”. Ela esclarece que “os autores indígenas são sujeitos coletivos [...], mas *esse lugar de fala* que agora ocupam”, não quer dizer que não tenham direito a suas histórias individuais, “que revelam seus trânsitos e subjetividades, manifestas na literatura, nas artes e na música.” (13).

Dorrigo cita ainda os marcos que desde 1990 fomentam a literatura indígena: o Concurso Curumim e os Tamoios (2004), a lei 11654/2008 que torna obrigatório o ensino das culturas afro e indígena no currículo escolar, o site Bibliografia das

Publicações Indígenas no Brasil (2019), a Coleção Tembetá, que produz livros de autores e artistas indígenas, a Livraria Maracá, especializada em literatura indígena (14-15). Também chama a atenção para as inúmeras páginas sobre o tema que circulam nas redes sociais: @midiaindiaoficial, @visibilidadeindigena, @leiamulheresindigenas, @literaturaindigenabrasil que exibem a socio-diversidade indígena presente no país (15).

A outra parte reúne poemas de um robusto grupo de 27 autores de diferentes etnias, configurando um valioso painel da poesia indígena de hoje. Os leitores também poderão examinar outras visões da cultura indígena em poemas como: “Tenho que lutar” (81), de Olívio Jecupé, “Soneto Amazônico” (85), de Yaguarê Yamã, “Ancestralidade” (99), de Márcia Kambeba ou “Geografia do poema” (86), de Graça Graúna.

Destacamos a grande presença das mulheres indígenas nos movimentos em defesa de seus povos, atuando nas redes sociais, mantendo blogs e escrevendo sobre suas culturas. Neste volume temos obras de 14 escritoras e 13 escritores indígenas, todos de etnias diferentes.

O plano deles era nos arrancar
Nos engolir e integrar
Apagar nossa memória

Mas nenhum vínculo
É tão forte quanto o dos encantados

A ancestralidade
Nos guia de volta.

Jamille Nunes (06)

Eloína Prati dos Santos

UFRGS